

Os territórios do bem viver na proposta pedagógica do Bacharelado em Agroecologia da UFRPE

The territories of good living in the pedagogical proposal of the Bachelor of Agroecology at UFRPE

José Nunes da Silva¹, Joanna Lessa F. Silva¹, Maria Virginia de A. Aguiar¹, Gilvânia de O. S. de Vasconcelos¹, Ana Sabrina A. Meneses², Anna Guilhermina de A. Pinto², Caroline da S. Alves², Gilberto Manoel da S. Nunes², João Pedro M. de Campos², Raul B. Silva², Soraya Cindcy A. Meneses², Thiago M. dos Santos²

¹Docentes do Departamento de Educação, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em Agroecologia/BACEP-UFRPE; ²Estudantes do Bacharelado em Agroecologia/BACEP-UFRPE

Resumo

Os estudos e as vivências em diferentes territórios marcam a proposta pedagógica do Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, que tem como intencionalidade a formação por alternância de bacharéis-educadores. Duas estratégias vêm sendo utilizadas no aprofundamento do olhar sobre as realidades dos territórios vividos: as Imersões na Realidade e os processos formativos desenvolvidos durante as Vivências Realidade Campo. O objetivo deste resumo é refletir como esta experiência conecta-se com uma Educação em Agroecologia voltada para a promoção de Territórios do Bem Viver. Destaca-se a importância das ações realizadas pelas/os estudantes nos territórios onde vivem e atuam, uma vez que vêm transformando tais realidades a partir de práticas que dialogam com as diferentes dimensões da Agroecologia.

Palavras-chave: Territórios de Vida, Educação em Agroecologia, Transformação.

Abstract

The studies and experiences in different territories mark the pedagogical proposal of the Bachelor's Degree in Agroecology at the Federal Rural University of Pernambuco, which had as its intention the formation by alternation of bachelor-educators. Two strategies have been used to deepen the look on the realities of the lived territories: the Immersions in Reality and the formative processes developed during the Field Reality Experiences. The purpose of this summary is to reflect on how this experience connects with Education in Agroecology aimed at promoting Good Living Territories. The importance of the actions carried out by the students in the territories where they live is highlighted, since they have been transforming such realities from practices that dialogue with the different dimensions of Agroecology.

Keywords: Territories of Life, Education in Agroecology, Transformation.

Introdução

Apresentaremos aqui a experiência do Bacharelado em Agroecologia (BACEP) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) tendo como ponto de partida uma reflexão sobre como a sua proposta, centrada nos territórios de vida - de trabalho, de aprendizagem, de lazer, de sonho... - dos/as estudantes, conecta-se com uma Educação em Agroecologia voltada para a promoção/fortalecimento de Territórios do Bem Viver.

Este curso foi criado em 2019 como demanda de organizações e movimentos sociais do campo e parceiros/as. Tem como objetivo formar:

bacharéis-educadores em Agroecologia, para atuar junto à agricultura familiar e camponesa, a partir da Educação Popular, na construção de soluções sustentáveis

no campo e na cidade, com visão crítica, domínio técnico e sensibilidade diante dos problemas socioambientais da atualidade e suas consequências sociais, políticas, ecológicas e culturais (UFRPE, 2023: p. 29).

Este objetivo evidencia a prioridade do curso em fortalecer a dimensão educativa na formação dos futuros profissionais, entendendo que o papel social desses/as agroecólogos/as se vincula diretamente a um papel pedagógico. Além disso, aponta para um ator prioritário, a agricultura familiar e camponesa, aqui incluídos os povos originários e povos e comunidades tradicionais, além de agricultores e extrativistas das cidades. O curso conta atualmente com estudantes vindos de todas as regiões de Pernambuco, além dos Agrestes e Sertões do Ceará, Região Metropolitana de Natal/RN, Agreste da Paraíba, além de alguns estados do Sudeste brasileiro.

A partir dos fundamentos e princípios da educação e formação e currículo em Agroecologia, refletiremos sobre o lugar central que os territórios têm na proposta pedagógica do BACEP, como uma proposta de Educação em Agroecologia em andamento numa Universidade Pública, no Nordeste do Brasil. A partir daí, traremos algumas experiências vividas no território por estudantes da primeira turma, buscando relacionar essa experiência com a perspectiva de construção de Territórios de Bem Viver e os princípios da Educação em Agroecologia. Cabe ressaltar que tudo que será aqui apresentado foi construído por muitas e distintas mãos, dentro e fora do espaço universitário.

Descrições e reflexões sobre o BACEP sob o olhar da perspectiva territorial e do Bem Viver

A compreensão de Bem Viver trazida pelos movimentos sociais no Brasil, ancorada no *Buen Vivir* equatoriano e boliviano, entre outras cosmovisões ameríndias, pode provocar-nos a pensar outros mundos possíveis, com outras práticas políticas e utopias pautadas numa conexão entre os direitos humanos e os direitos da natureza, como nos leva a refletir Acosta (2016). Segundo ele, “o Bem Viver é, essencialmente, um processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a Natureza”; considerando que é um termo em construção que não deve ser associado ao “bem-estar ocidental”, ressalta que o Bem Viver “supera o tradicional conceito de desenvolvimento e seus múltiplos sinônimos, introduzindo uma visão muito mais diversificada e, certamente, complexa” (ACOSTA, 2016, p.24). Neste sentido, o Bem Viver vem como resposta a nossa crise civilizatória diante de um sistema que se baseia na manutenção das desigualdades sociais. Como utopia que alimenta o horizonte de outros mundos possíveis, se relaciona diretamente com propostas concretas de construção do conhecimento, movimento e prática, como no caso da Agroecologia.

A experiência do BACEP é uma proposta que vai nesta direção. Sua organização curricular é feita por eixos que orientam o olhar para os territórios: Conhecer, Planejar, Agir e Sistematizar são verbos orientadores das atividades desenvolvidas ao longo de quatro anos. Cada eixo é composto por um conjunto de temáticas que são trabalhadas numa perspectiva inter/transdisciplinar, sempre por um Coletivo Docente formado por vários professores/as. Portanto, o curso não tem uma grade curricular no sentido convencional. O curso se organiza em dois tempos formativos: Vivências-Universidade (VUs) e Vivências-Realidade-Campo (VRCs), inspirados na Pedagogia da Alternância, compreendida não como mero aspecto metodológico, mas como sistema educativo que compreende o processo educativo de forma ampla e articulada com tudo que acontece fora dos muros da instituição escolar .

Neste sentido, os territórios dos/as estudantes são centrais para o aprofundamento crítico do conhecimento sobre as realidades. Nossa proposta pedagógica define que:

o território é o ponto de partida e chegada para o processo de construção do conhecimento através da ação de extensão que fornecerá elementos para as atividades de ensino e pesquisa. O território aqui entendido não apenas como o conjunto de sistemas naturais e materiais, mas como identidade, pertencimento, como “o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (SANTOS, 2002, p.10), (...). Nossa estrutura metodológica está apoiada na necessidade de aprofundar essa relação com o território por parte dos/as sujeitos/as que fazem parte dele (UFRPE, 2023: p. 60).

Assim, o território para nós funciona como uma âncora, que nos enlaça nos contextos de vida em que os/as estudantes estão inseridos/as, os quais muitas vezes passam despercebidos dos processos educativos no ensino superior.

No início de cada semestre proporcionamos um exercício de Imersão em um contexto problematizador, ou seja, em territórios onde é possível estimular o "ad-mirar", tal como nos falava Paulo Freire (1996), com um olhar apurado e crítico sobre a realidade, que permite a busca pela sua transformação. Vivenciando as imersões junto a todos/as (docentes, discentes e parceiros), as/os estudantes têm acesso a elementos da realidade que funcionam como lentes epistemológicas para problematizar suas próprias realidades, sobretudo, durante as VRCs.

Já nas VRCs, as/os estudantes são orientadas/os a fazer pesquisa e extensão em seus territórios. A partir de roteiros orientadores, são estimuladas/os ao uso de diferentes técnicas de pesquisa e diálogo, a construir conhecimentos com suas famílias e outras pessoas que ali vivem. Os fundamentos e práticas das metodologias participativas têm sido muito utilizadas. Os conhecimentos construídos nos territórios voltam para a sala de aula no formato de mapas falados, mapas conceituais e mentais, relatórios, vídeos, poemas, dentre outras linguagens.

Para descrição de nossa experiência optamos por focar na primeira turma, atualmente no 7º período, que hoje conta com 18 estudantes (9 homens e 8 mulheres), entre jovens agricultores

familiares e jovens envolvidos em dinâmicas da agricultura urbana. Esta turma imergiu ao longo do curso em vários territórios: Zona da Mata Sul e Norte, Agrestes e Sertões de Pernambuco. Nestes territórios puderam observar as diferentes estratégias de lutas camponesas por terra e outros direitos, os diferentes sistemas de produção camponeses e do agronegócio, diversos processos de transição agroecológica, aspectos importantes das culturas locais camponesas, bem como os atores sociais presentes em cada território. Mostramos concretamente como isso vem sendo vivido no curso, evidenciando as atividades desenvolvidas nos territórios como processos que fortalecem a perspectiva de Territórios de Bem Viver e se articulam de forma orgânica com os princípios da Educação em Agroecologia. Os depoimentos abaixo foram coletados nos relatórios das Vivência Realidade Campo.

Estudantes em movimento, construindo territórios do Bem Viver

A estudante e agricultora Caroline Alves vive na comunidade quilombola de Inhanhum, município de Santa Maria da Boa Vista, no sertão do São Francisco em Pernambuco. Desde o início do curso vem ampliando as lentes sobre seu lugar de vida e estimulada pelo sub-eixo temático do 5º período, ela desafiou-se a planejar e implantar um sistema agroflorestal com sua família. Assim ela define sua experiência:

Através da atividade “implantação de SAF” (...), jovens, adultos e crianças que participaram puderam conhecer novas variedades de sementes de feijão e milho, adquiridas na imersão pelo agreste de Pernambuco. Esta ação proporcionou momentos de grandes trocas e aprendizados. Todos ficaram encantados em conhecer novas variedades (...) que não são comuns na comunidade. (...) a implantação do sistema agroflorestal Felina e Pedro já possibilitou o "enraizamento de mentes" através de oficinas sobre compostagem, trocas de sementes e mudas e trocas de conhecimentos entre a estudante e agricultoras/es (Caroline Alves, 2023).

Esse relato anuncia como o BACEP fomenta o desenvolvimento de práticas comunitárias que potencializam processos coletivos nos territórios e a construção de novos conhecimentos em comunidades tradicionais que vem perdendo suas tradições pela sua inserção em sistemas produtivos convencionais e monocultores. Demonstra também a interrelação entre a experiência vivida nas Imersões, onde Carol conheceu experiências de banco de sementes e acessou diferentes variedades, partilhando com sua família e comunidade, durante a VRC, o conhecimento construído.

Outra estudante, Ana Sabrina, jovem camponesa do Sertão de Crateús, Ceará, nos relata:

As atividades foram realizadas com o Coletivo Arteando, grupo composto por jovens das comunidades Santa Luzia e Várzea do Toco, no município de Independência/CE, Sertões de Crateús, no Semiárido Brasileiro. (...) realizamos uma Trilha Ecológica (...). consistiu em analisar três situações socioecológicas distintas (...). A primeira área visitada foi o Olho D'água, local onde há fragmentos mais próximos de uma floresta primária da Caatinga. A segunda área, foi de agricultura convencional, um roçado de sequeiro. Finalizamos a terceira visita em um quintal agroflorestal. Em cada um dos sistemas visitados adotamos o roteiro de observação para analisar o que a área nos comunicava, desde o solo, diversidade vegetal e animal, temperatura, quantidade de vida acumulada, bem-estar, identidade e pertencimento (Ana Sabrina, 2023).

Soraya Cindcy, irmã de Ana Sabrina, relata sobre a mesma experiência a partir de outra ótica:

Adotamos uma metodologia com base nos princípios da Educação Popular, (...) Adotamos diferentes técnicas grupais: (...). Foram realizados 30 encontros de planejamento, monitoramento e avaliação das atividades; 20 ações de mobilização a partir das demandas das comunidades; 20 rodas de conversa sobre temáticas relacionadas ao modo de vida da juventude; 04 oficinas sobre Fome, Reforma Agrária e Agroecologia, Sistemas Agroflorestais, Fundos Rotativos Solidários e Diagnóstico Participativo da relação Jovem e Comunidade. Foram realizadas 04 oficinas (...) para o público externo sobre Economia Popular Solidária, Feminismo e Agroecologia, Saúde, Juventude e Plenitude, Juventude Camponesa e Ensino Superior. Realizamos 04 mutirões na área do SAF e uma exposição cultural virtual (...) (Soraya Cindcy e Ana Sabrina, 2023).

As jovens irmãs camponesas, ambas oriundas da Escola Família Agrícola Dom Frago, trazem na sua formação a importância da relação dos conhecimentos adquiridos na escola/universidade com o território de vida, da família e da comunidade. As atividades vivenciadas em sala geraram momentos formativos, demonstrando a capacidade de articulação temática, metodológica e política que elas vêm experimentando em seu território, potencializando sua atuação junto ao coletivo de outras/os jovens. Em suas práticas abordam uma diversidade de temas, relacionados à multidimensionalidade da agroecologia, além de uma pluralidade de metodologias participativas em atividades de educação não-formal.

Anna Guilhermina e Raul Brainer são companheiros/as de uma vida e vivenciam um processo de recampesinização no Vale do Catimbau, rico e conhecido parque arqueológico localizado no município de Buíque no Agreste de Pernambuco. A partir dos estudos no BACEP, Anna Guilhermina nos relata uma atividade educativa realizada com crianças:

A pesquisa visou fomentar o conhecimento agroecológico com as crianças das comunidades Serrote Preto e Baixa Grande, Buíque - PE, através de diferentes linguagens artísticas, fazendo com que essa ciência (Agroecologia) esteja presente desde o início da formação humana (...). O planejamento das atividades foi pensado para favorecer a cultura local interrelacionada com as boas práticas da agricultura, através do uso de ferramentas lúdicas, com diferentes expressões artísticas, como desenho, pintura, audiovisual, artesanato em barro e produção de mudas, buscando falar da natureza, dos animais, das sementes e das paisagens, trazendo a importância da preservação através de outra lógica de produção e consumo a partir da agroecologia e das potencialidades que tem no lugar, dando valor ao rural” (Anna Guilhermina, 2023).

Esse relato fortalece o olhar sobre a pluralidade de sujeitos envolvidos nessas práticas, trazendo o papel da educação não-formal com as crianças do território, bem como a diversidade de alternativas metodológicas para trabalhar as diferentes temáticas de forma contextualizada.

Raul Brainer relata sobre uma atividade realizada durante a Imersão na realidade no território onde ele e Anna vivem. Sobre a experiência afirma:

Através de Diagnóstico Rural Participativo (DRP) junto a uma agricultora e um agricultor familiar no Sítio Serrote Preto, Buíque - PE e professores e estudantes da UFRPE (...), foram realizadas oficinas e mutirões (...) analisando a realidade local, cultural, paisagística e antrópica da região. De acordo com a disponibilidade hídrica e genética da propriedade, planejamos um SAF forrageiro numa área de 30x30m, como unidade modelo pedagógica (...). No planejamento escolhemos espécies adaptadas às condições extremas da região e sua utilidade e analisamos a

familiaridade com as espécies, as formas de manejo e a disposição e espaçamento entre espécies. Na implantação, com a presença de outros agricultores da comunidade, houve uma grande partilha de conhecimentos e saberes relativos à Caatinga, à importância dos animais silvestres, às sementes e ao armazenamento de água, (...). Por isso, a palma forrageira foi a mais usada no sistema (Raul Brainer, 2023).

Essa experiência demonstra a importância da construção compartilhada de saberes entre agricultoras/es, professores/as e estudantes, bem como a importância da técnica contextualizada, como foi o SAF, superando o difusionismo, num processo dialógico entre o saber acadêmico e o saber local. Expõe também como a Imersão vem sendo utilizada como estratégia de acompanhamento e fortalecimento das atividades desenvolvidas pelos/as estudantes nos territórios, valorizando as experiências dos camponeses/as em formação.

João Pedro, estudante urbano que atua principalmente no Recife e Região Metropolitana constrói o Coletivo Kapiwara de Agricultura Urbana. A partir da sua atuação realizou atividades num sítio e numa escola pública urbanos. Ele relata:

As atividades foram realizadas no Sítio Canoah, no bairro da Várzea (...) e na Escola Estadual Professora Inalda Spinelli (...), no bairro de Boa Viagem. No Sítio Canoah o objetivo da atividade foi utilizar algumas metodologias participativas com o intuito de contribuir no planejamento do etnoagroecossistema, no resgate da história do território e no diagnóstico das principais fortalezas, oportunidades, fraquezas e ameaças. Já na Escola Estadual, as práticas foram mais direcionadas para momentos pedagógicos com as/os estudantes e tinham o objetivo de contribuir na compreensão dos diferentes modos de apropriação da natureza, com foco nas práticas agroflorestais (...). Para isso foram utilizadas dinâmicas de visualização criativa, experiências sensoriais com plantas e atividade prática de manejo de canteiros (João Pedro, 2023).

O relato de João Pedro desvela a pluralidade dos territórios nos quais os processos educativos em Agroecologia têm o potencial de serem realizados, interagindo com diferentes sujeitos/as também nas cidades.

Ainda na cidade do Recife, o estudante Gilberto Nunes relata sua experiência no bairro do Alto José do Pinho. Naquele território de vida o estudante vem realizando um processo formativo comunitário sobre alimentação saudável. De sua experiência nos diz:

O projeto obteve resultados surpreendentes: pessoas com um maior cuidado na alimentação, trocas de saberes sobre as plantas medicinais e maior volume de interesse pela agricultura urbana. A partir disso, as hortas suspensas vêm ocupando os espaços de varandas, quintais, terraços e frente das casas. Também fizemos reuniões com a juventude local e discutimos o que poderia ser feito para um melhor combate à insegurança alimentar. As tecnologias alternativas foram as melhores opções nesse sentido, pois com essas ferramentas conseguimos ter um resultado mais amplo na alimentação. Com a aquaponia (consórcio entre criação de tilápias em caixa d'água junto com uma cama de cultivo de folhosas) obtivemos bons resultados, aliando o consumo da proteína do peixe e as vitaminas e sais minerais das plantas (Gilberto Nunes, 2023).

A partir dessa experiência, percebe-se que a produção de alimentos saudáveis vai se ampliando nas cidades, principalmente, para populações em diferentes situações de vulnerabilidade social e econômica. Os processos formativos ampliam a consciência sobre o tema e fortalecem o acesso ao direito humano à alimentação.

O estudante Thiago Santos nos traz a realidade de uma comunidade das águas, na metrópole recifense. Imergiu no Sítio Jamaiquinha, onde vivem Jó e sua família trabalhando com policultivos e com criação artesanal de camarão. A experiência valoriza o lugar do diálogo de saberes nessas práticas resilientes de agricultura urbana. Ele relata:

A Ilha de Deus é uma comunidade que está situada numa área de conflitos socioambientais devido à poluição dos rios e mangues do entorno, e a especulação imobiliária que está impactando negativamente a vida das pessoas que vivem naquele lugar. Ao mesmo tempo, se constitui como um local de resistência popular, consciência ambiental, de protagonismo feminino e de uma economia local que se fortalece nas tradições pesqueiras, de encontrar na natureza um meio de sobrevivência. (...). Através do projeto foi possível estabelecer um diálogo de saberes entre o estudante e Josias e sua família (Thiago Santos, 2023).

Fortalecendo territórios de Bem Viver em sintonia com os princípios da Educação em Agroecologia

As práticas relatadas aqui apontam para o fortalecimento de territórios de Bem Viver em sintonia com os princípios da Educação em Agroecologia propostos no I SNEA? O espaço neste texto é pequeno para descrever os aprendizados e transformações sociais, culturais, políticas e pedagógicas vivenciadas pelos diversos atores que compõem esses relatos. Ressaltamos aqui alguns elementos que achamos importantes destacar, considerando que os princípios da Educação em Agroecologia presentes nesta experiência só podem ser entendidos de forma complexa e interrelacionada.

Como pode ser visto, em uma única turma tivemos uma diversidade de experiências vivenciadas na prática, envolvendo diferentes temáticas trabalhadas de forma interdisciplinar, acompanhadas do desafio da alternância. Cada estudante atuou como protagonista na condução das atividades em seus territórios, desde a mobilização, planejamento, execução e avaliação da atividade. O território, que foi ponto de reflexão e aprofundamento do olhar nos primeiros anos do curso, passa a ser espaço de atuação concreta, a partir de práticas agroecológicas, voltadas para o reconhecimento da interdependência com a natureza.

Ao longo das experiências analisadas, percebemos que cada território foi desbravado em sua diversidade sociocultural e ecológica, em contato com uma diversidade de paisagens e expressões da reprodução sociopolítica de camponeses/as e, com eles, sua diversidade de modos de vida e de formas de se relacionar com a natureza. Os/As estudantes atuaram de forma articulada com diferentes sujeitos, (docentes, educadores/as de movimentos sociais, gestores/as e parceiros/as), descentralizando o processo de ensino-aprendizagem normalmente caracterizado pela transmissão de conhecimentos, superando a educação bancária. O diálogo permanente trouxe o território para o centro do processo de ensino e desafiou os/as docentes a sair de sua "zona de conforto" de forma contínua, não sendo possível apenas reproduzir teorias e práticas sem conexão com a realidade. Discentes são levados a perceber-se, não como

receptores de um conhecimento dado *a priori* mas, como construtores/as deste conhecimento diverso, complexo e em constante movimento. Também lidamos com uma diversidade de metodologias, técnicas e linguagens que potencializam o fazer pedagógico para a educação integral de mulheres e homens, que almejamos a partir da compreensão das diferentes dimensões da vida, como codependentes.

Considerações finais

A experiência do BACEP exige um enfrentamento para superar as estruturas políticas, econômicas, sociais e culturais que nos amarram às estratégias desenvolvimentistas, muito arraigadas no estilo de educação superior oferecida pelas universidades brasileiras, em especial, aquelas dedicadas às Ciências Agrárias, com sua formação tecnicista e difusionista, que desconsidera a diversidade dos sujeitos do campo. Além disso, os diferentes processos de aprendizagens aqui relatados sinalizam para uma nova perspectiva educativa onde se busca romper com a fragmentação dos conhecimentos, muito presente no ensino superior, buscando desconstruir a hierarquia que aponta a superioridade do conhecimento acadêmico sobre os demais conhecimentos.

Ao imergir com as/os estudantes nos diferentes territórios vivos, nos aproximamos das distintas realidades na busca do diálogo de saberes, que potencializam uma prática acadêmica contextualizada. Acreditamos que com isso estamos fortalecendo práticas para a construção de Territórios de Bem Viver, tanto pensando no território dos/as estudantes, quanto no território da própria Universidade. A partir das reflexões teórico-práticas vamos nos desafiando a construir processos que valorizem outros modos de viver, educar e construir conhecimentos, indo de encontro ao *status quo* vigente que valoriza a produtividade, a especialização e o lucro. Além disso, essa imbricação com o território nos permite viver e aprofundar os princípios da Educação em Agroecologia trazidos no I SNEA. Vida, Diversidade, Complexidade e Transformação atravessam o fazer pedagógico desse novo caminho metodológico proposto no BACEP, estando presentes de forma orgânica em tudo que relatamos até aqui. Acreditamos que nossa experiência demonstra que estes princípios não estão soltos e se enraízam nos lugares de vida, trabalho e sonhos. Ao nos ancorarmos no território, conseguimos fortalecer uma práxis educativa que promove radicalmente a Vida, a Diversidade, a Complexidade e a Transformação para a construção de Territórios do Bem Viver. Temos clareza de que ainda há muito a trilhar para que consolidemos a proposta e que parte dos resultados só acessaremos no futuro, vendo os/as egressos/as do curso e as dinâmicas vividas após o curso em seus territórios.

Referências

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

UFRPE. Projeto Pedagógico do Bacharelado em Agroecologia. Recife: 2023.